

A VIDA LITERARIA

ULTIMATUM

Por que te esquivas sempre ao clamor de meu peito?
Por que meu coração ulcra-se em piedade
E não fazes de mim teu bégium, teu eleito?
Orgulho? Antipatia? Insensibilidade?

Ha um anno, sem cessar, noite e dia, quer faça
Sol limpo, quer chova a canturos, eu corro
Afastando atrás da tua sombra escassa...
Isto é vida? Talvez. Mas vida de cachorro!

Meu calçado cambou, rompeu-se; não tem conta
As solas que gastei no teu encalço. Vê!
E em paga apenas tenho a intragável affronta
Dessa estúpida coisa idiota: o teu chique!

Campeão medalha d'ouro, ou príncipe dos feios
Serei? Serei um "az" da realidade adâmica?
Se essa é a seimna, meu bem, fala-me sem rodeios:
— Sinto-me até capaz de nuadar de veronica!..

Não te agrada a careca ovante que eu exhibo?
Esta pena nasal que a cara me decora?
E os rhodoceros que me servem de estribo,
Um a remiar por dentro, outro a remiar por fóra?

Se isso te desagrada, se aos teus olhos não passo
Do archetipo ideal do genero chifrin,
Dize-m'o francamente e eu, presto, me refaço
Num Brummel, num D'Orsay, num príncipe Aladin.

Duvidas? Mas, então, ó anta do meu sonho!
Dessas coisas de amor teu miolo não ajuiza...
Sem glândula extorquida ao chimpanzé medonho,
Só o amor nos transforma e voronofiliza!

Mas vamos seja eu, mesmo, um padrão de feiúra
A standardização dessa calamidade:
Meu direito é adorar a tua formosura,
Teu dever é agradar a minha fealdade!

A vida do universo é de contrastes feita.
Lei biológica impõe: — "mistura e reproduz!"
E a química sexual treva e luz tanto ageita,
Que, riscando no ventre um phosphoro — faz luz!

A chimica sexual serve à vida associando
Prós e contras. (São leis, e quem quizer, condemne-as)
Feio eu, formosa tu... E' a logica, ajustando,
No crisol genetriz, coisas heterogêneas.

Pouco importa, porém, seja eu horrendo e rude.
Cabe-te a obrigação de ouvir o meu clamor,
Pois que sacrificaste a minha quietude
Atendo no meu peito o incendio deste amor.

Que culpa terei eu de te amar, sem resguardo,
Sem cautela, através de pantanos e fossos?
Com tuas mãos fizeste a fogueira em que eu ardo,
Não me comeste a carne? Agora, chupa os ossos.

Tudo sacrifiquei a este amor desgraçado!
Não tenho nickel. Ando a tinar. Patavina!
Inteiramente prompto e desacreditado,
Estreio no paraty, já estou na cocaina!

Não! Deixa de chique! Intimo-te, corolla!
E olha bem que meu tiro é certo, e nada o atrosta!
Dois mestres, ó infeliz, tu tens a pistola:
O batuta Parãense e o bamba Afranio Costa!

Não, pequena! Endireita — anda! — esta coisa torra.
Faze do meu gilo uma batata doce.
Se não, casco-te bala, impavido, na aorta,
Corto-me a jugular, suicido-me — e acabou-se!

ELEFENOR VALLADARES.

DUPLA AGONIA

Carmen Olinda

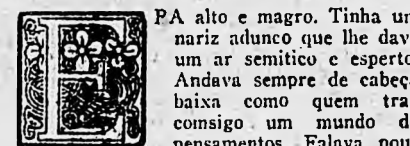
Tenho diante de mim uma criança.
Linda, flor de beleza e de ternura
Que eu amo até a idolatria...
Ella é a minha dulcíssima esperança,
O meu thesouro de ventura,
A minha unica alegria...

Mas ah! como que a vou agonizar...
Como que a vou perdendo lentamente...
Já não me estende mais os seus bracinhos
Alheia, indifferente

Ao desespero que me invade
Como se fora um barbaro castigo!
Louca de dor,
Cobrinha mais que nuna de carinhos,
Minha alma lhe supplica soluçando,
Triste como uma vida que se finda:

Não te vás meu amor! Fica comigo!
E' tão cedo ainda!
Vive, por piedade!

Esta criança linda é o teu amor...



PA alto e magro. Tinha um
nariz aduco que lhe dava
um ar semitico e esperto.
Andava sempre de cabeça
baixa como quem traz
consigo um mundo de
pensamentos. Falava pou-
co, e quando o fazia era
em palavras breves, meditadas — como se
della dependesse a sorte do universo.
Nunca ninguem o viu rir, nem mesmo
descerrar os labios na flor tímida de um
sorriso.

Chamava-se Hippocrates Pimentel dos
Santos. Por que recebera o nome de Hip-
pocrates convenceram-se, ali por lá, 26 annos,
que deveria ser medico. E, um dia, foi
medico. Fez o seu curso, como tantos ou-
tros, de afogadilha, brincando todo o anno,
para estudar ás vezes das provas an-
nuaes. Uma vez formou-se, resolveu, por-
rém, ser um grande sabio. E mettu-se
com os livros dia e noite, numa fome
de conhecimentos que fazia o desespero da
boa D. Sinhá, que era a sua esposa.

Esta era de uma medocridade deliciosa.
Não conhecia do mundo senão os as-
pectos exteriores, e assim mesmo mal, por-
que era myope. Nutria pelos livros uma
sibria indifferença, e nunca tivera uma
dor de cabeça por conta de um syllogismo
mais lútrucado... Não era feia, nem bo-
rita. Era mulher, e isso bastava ás de-
beis aspirações affectivas de Hippocrates,
que apenas, segundo dissera tanta vez,
descevia uma esposa que soubesse con-
solar e fazer fomentações. "Uma boa es-
posa deve ser cozinheira e enfermeira"

— dizia, com convicção. "Mulheres sá-
bias, ou artistas, são muito boas para se
admirar mas saltes a nos theatros, mas
não para ser esposas". Dahi o ter casado com D. Sinhá,
que era uma alma simples e desnuda de
philosophias angustiantes.

Depois de longos annos de estudos, Hip-
pocrates Pimentel tornou-se uma figura de
destaque no mundo das sciencias. A sua
palavra era ouvida em todos os casos dif-

GOSSE, ENAMORADO DE OUTRAS VIDAS

Edmundo Gosse, caído depois de Tho-
mas Hardy, possuía na realidade das
figuras e das épocas um nome illustre,
uma folha de serviços brilhante e opulen-
te no moderno armorial da literatura in-
gleza.

Mais propenso á investigação, mais in-
tímido dos archivos que da natureza, homem
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

Feito na Inglaterra e para a Inglaterra,
atraíram-no as vidas de grandes patri-
cios, e de Taylor como de Browne disse
de in-folhas que viveu longos annos no
convívio de grandes bibliotecas silen-
ciosas, Edmundo Gosse não era... não podia
ser um nome universal.

RESURREIÇÃO DE CADAVERES

O professor Feodor Andreieff me re-
cebeu com rasgada gentileza no seu gabi-
nete de estudos, á rua Lenine, n. 314.
— Professor, eu vim...

Já sei, já sei — e amputou minha
oração como se amputasse um dedo ou u'a
mão. — O senhor quer uma entrevista...

— Perdão, eu...
— Não me surpreende. E' natural: O
Brasil scientifico está interessado com as
minhas experiencias, e o Sr., como me-
dico,...

Aqui não me contive.
— Medico? Não senhor: eu sou em-
pregado publico.

O Dr. Feodor quasi desmaiou e, como
arrancado dum sonho, irritado, me disse:
— Ora muito bem! Que tenho a ver
com um empregado publico, eu que só
cuido das altas indagações scientificas.

Meu fim visa as summas conquistas da
biologia e da vida dos cadáveres. Que
tem o senhor, um leigo, com essas aspi-
rações transcendentes da sciencia?

E avançou para mim.
Quiz vou pela janela, mas desisti. Era
um 4º andar... Fui me afastando, me
encolhendo e entretivei-me a um canto,
atrás dum meu patrio — um macaco em-
panhado — e dum especie de guarda-
"comidas" cheio de orelhas (quem sabe
se do Lampeão), rimos, deslizes e outros in-
gred entes.

Mas o professor recuperou logo a calma
e eu, minha liberdade.
— Então, o Sr. é um empregado publi-
co no Brasil e vem me aborrecer, vem
tomar o meu riquissimo tempo para uma
entrevista?

Piedade! Entrevista, não; um pre-
dido de misericórdia; uma obra de cari-
dade.

— Não entendo. Vocês, brasileiros, es-
tão agora na mania do futurismo. Fale
claro.

— Pois bem, vou explicar-me: tenho
oito filhos e, como lhe disse, sou emprega-
do publico e pereço...
— Eu é que não posso nada.

— E' preciso ganhar meusens. Não dá
para viver. A vida em São Paulo é
cara. Imagine que, uma dúzia de bananas
custa \$1000; o feijão, o arroz, todos os
productos necessarios estão a preços prohi-
bitivos.

— E' dahi?
— A gente vai fazendo dividas. Tor-
na-se uma victimia da vida. O meu pa-
dre, o meu pai, o meu avô, o meu bisavô,
o meu bisneto, todos os meus antepassados,
o meu futuro, o meu presente, o meu passado,
o meu futuro, o meu presente, o meu passado,
o meu futuro, o meu presente, o meu passado,

— Mas eu continuo a não perceber.
— Como, Dr. Feodor? Mais claro do que
isso...
— Ah! Já comprehendo. O Sr. está
sem recursos, com um rim estragado e
quer collocar outro. Venha cá. E' rapido:
Deite-se na mesa: vamos ver.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

— Não! Então está louco e eu o ponho
numa camisa de força, antes que fique
furioso.

— Deixe-me explicar-lhe o caso.
— Intimo: o Sr. tem dois minutos para se
esclarecer: ou sair daqui em cinco minutos,
ou ficar aqui até morrer.

— Não, Dr. — disse eu sentindo um
sorvete derreter-se-me na espinha dorsal
e tratando de pôr-me a boa distancia.
— Não está doente?

AQUELLA QUE SE ESQUECE

SUZANA IBSEN,
A INSPIRADORA IGNORADA

Quando, há pouco, espendia pelo uni-
verso inteiro a gloria de Ibsen, e todos os
jornais, todas as publicações periodicas e
numerosos livros de excessos e panegyricos
se consagravam, consonte era justo, ao
exaltado lavor do incomparavel mestre
scandinavio, indistinto renovador da dra-
matica, registrou-se um silencio que, eu
diz, mais do que uma injusticia, verdadeiro cri-
me, relativamente a Suzana Ibsen, dedi-
cada e companheira e, mais ainda, in-
spiração do genial dramaturgo com muitas
de suas obras mais representativas.

Faz-se mister que reparamos essa omis-
são, evocando, juntamente com a forma-
vel figura de Ibsen, a mulher de luminis-
mas e profundas intuições a quem se deve,
segundo asseguram certos biographos, o
thema, certo dia, "o uso desperado", um dos
populares e applaudidos dramas do grande
escritor norueguês.

Conta Le Clere de la Herverie que Su-
zana Ibsen, muito dada a leituras, foi um
dia á biblioteca municipal de Bergen,
onde o casal residia, tomar emprestados
alguns livros. Era um sabado á tarde,
e achou os livros já tinham sido levados
com excepção, no entanto, de um livro, a
sua biblia e uma obra de Stuart Mill so-
bre "a escravidão das mulheres".

A senhora Ibsen leu esse livro e ficou
impressionadissima. No dia seguinte, não
almoço, disse ao marido, o qual lhe res-
pondeu:

— Não me interesse as especulações
philosophicas do senhor Mill. Tenho mais
que fazer.

Suzana não insistiu, prudentemente.
Mas, a pouco e pouco, recorrendo a todas
as suas reservas de paciencia e tacto, ex-
cortou delibado trabalho de suggestão. E,
digamos, não foi "o uso desperado", con-
forme ella escreveu a uma amiga.

Ibsen, tornado transigente defensor do
direito sagrado das mulheres, lançou, então,
ao mundo estupefacto, a tempestade "Ca-
sa de boneca", da qual Camille Collet afi-
rmou, com excellentes fundamentos, que
fêzera mais em favor da causa feminina
do que os obrados de todos os de-
maís mundos e propagandistas.

Possuía o mestre, aliás, noção muito
clara do que, a todos os respeito, valia
sua esposa. Com effeito, em livro ainda
inédito elle escreveu sobre ella o seguinte:

— Tem um caracter que me convence ás
maravilhas. Preciso de uma mulher assim.
Não é logica, não possui um sentimento
poetico extraordinariamente desenvolvido e
potencioso. E' uma grande alma, e odeia
com odio quasi terrivel tudo quanto se lhe
afigura mesquinho e injusto.

Compreendi-se, agora, qual o motivo
por que Ibsen, o qual nunca falava a nin-
guem sobre a obra que se preparava, não
espeço para sua mulher. Esta lia todos os
manuscriptos antes de serem entregues ao
editor. Era, mesmo, intimada a criticar os
E' dramaturgo tinha tal confiança no
juizamento de sua mulher que ás vezes
utilizava as phrases por ella apontadas
como frases definitivas e perfeitas.

Em sua collecção de poesias Ibsen ren-
deu homenagem enternecida á sua compa-
nheira por meio de um poema cujos dois
últimos versos servem hoje de epitaphio
á escriptura d'elle. Esse poema tem por tí-
tulo "Obrigação".

Edouard Schuré tem de admitir algum
naquella galeria, quando reedita o livro
que intitulou "Femmes inspiratrices".

a não ser aquella dia em que todos vol-
tam ao Juizo.

Se esse dia não cair no car-
naval, no Rio,
— E' verdade.

Pois bem, isto posto, se o professor
tem a sua frente um corpo sem vida, um
cadáver, é claro que a alma do freguez
já se foi desta para melhor e, assim,
reanimado esse corpo, a alma, que fez
uma excursão pelo céu, pelo purgatorio
e pelo inferno (conforme o grão de pec-
cado), dará ao ex-defuncto a faculdade de
contar coisas do arco da velha, novidades
com que ninguém terá sonhado.

O professor Feodor, quando olha para
elle, estava pensativo como alguém que
nesta miséria Capital Federal procura
uma casa para alugar. E estava tristo-
nho.

— Está aborrecido, professor?
— Você veio me estragar o capitulo.
Vou desistir de dar vida aos cadáveres.

Será um serviço que lhe agradeço
em meu nome particular e no dos emprega-
dos publicos.

Vou voltar-me por minha difficuldade
seria. Não; por minha culpa nunca se-
rão desvendados os arcanos do além mun-
do... Vou arrear a carreira.

E eis como, desconhecido funcionario
destas bandas paulistas, tornei-me, estou
creio, creio hypothecario da gratidão de
todos aquelles que têm a perseguição na
vida o abatesmo, o flagello dos cadáve-
res.

VICTOR CARUSO.

"LEGENDA INTERIOR"

O Rio moderno já possui o seu poeta.
Estava fazendo falta. A vida da cidade
nem tido, em prosa, annotadores amáveis.
Mas não tivéra ainda o seu poeta. E' ver-
dade que appareceram alguns rimadores
reivindicando o titulo. Ninguém, porém,
se animou a concelebrar a qualquer dos pre-
tendentes.

A vida carioca, vida de grande cidade,
com seus arranha-céus, seus cinemas, seus
theatros, seus pequenos dramas desenro-
lhados nos passeios da Avenida, nas casas
de chá, dentro de automóveis celeres, no
recolhimento discreto de penumbra em-
bragadoras, permanencia inacessível á
inspiração dos poetas.

Alegria e a mocidade que nella tu-
multuam não haviam ainda encontrado o
seu cantor.

Esse mundo de frivolidades só pôde ser
desvendado pelos que não são frivolos.
Mas amam a frivolidade, cultivam-na com
requintes dilações de esthetas puros, capazes
de espiritualizar todas as coisas.

Mas o Rio moderno encontrou, afinal,
em Harold Daltro, que acan de pu-
blicar sua *Legenda Interior*, finalmente il-
lustrada pelo lapis elegante de J. Carlos,
o seu poeta.

Parce que foi Wilde quem disse que
o supremo milagre do artista é immorta-
lizar coisas banais.

Harold Daltro immortalizou tantas em
sua *Legenda Interior*!

Ha nos seus versos frescura, encanto,
moedade, vida. Elle estylou aspectos selu-
tores da cidade na musica simples e pura
de suas estrophes civilizadas.

Legenda Interior é um livro feito de
plumas, de rendas, de sedas e de arminhos.
Está cheio de movimento, de sons, de co-
res, de penumbra. São versos asseados, cla-
ros, celeres. Poesia de civilização.

O creador da tri- chromia moderna

Com 84 annos de idade morreu, em
França, Arthur Prinvault

Pouca gente sabe quem foi Arthur Prin-
vaul... Muitos que admiram nos livros e
revistas dos nossos dias as deliciosas gra-
vuras a tres cores ignoram quem foi o
creador desse admiravel elemento de pro-
gresso das artes graphicas no mundo. Foi
ahi por volta de 1880 que appareceram
pela primeira vez, as gravuras em tri-
chromia. Ellas produziram, como era de
esperar, uma verdadeira revolução na im-
pressão da época.

Foi Arthur Prinvault o aperfeiçoador
da theoria das tres cores de Charles Cros
e de Duos de Haunon, quem permittiu á
trichromia moderna os seus surpreenden-
tes e confiantes aperfeiçoamentos. A idéa
deve-se a outros como se vê, mas a rea-
lização integral e magnifica d'elle cabe,
de direito e de facto, a Arthur Prinvault
cuja morte acaba de passar quasi despercebida
ao grande publico.

Ellé trabalhou, por muito tempo, na fei-
tura das notas do Banco de França guar-
dando, ciosamente, o segredo de suas co-
res. A sua historia é breve e expressiva.
Nasceu em 26 de abril de 1846 e estudou
na Escola Polytechnica, onde se tornou no-
tavel pela sua applicação aos livros.

Dedicou-se á industria e á chimica, so-
bretudo á das cores em que veio a tornar-
se um mestre de indiscutida autoridade.
Tal é o homem a quem devem grande par-
te de sua prosperidade todas as numerosas
publicações que lançam nas das gravuras
polychromaticas em nossos dias.

UMA FESTA DE ARTE

Dizer versos... Parece muito facil. E'
difficilissimo dizer versos, dizer bem, claro.
Muita gente tem justa prevenção contra as
declamações. Quasi todos são horríveis.

As mais modernas são as mais interes-
santes. Denum uma expressão nova á arte
de dizer e, por vezes, fazem um milagre —
dão sentido novo á poesia.

Ha pouco, no salão do Instituto Nacio-
nal de Musica, a Sra. Eugénia Alvaro Mo-
reya, sou, para ella, uma pluma numero-
sa e maravilhosa, lindos versos de poetas mo-
dernos do Brasil. Artista que impressio-

na vivamente aos frequentadores do
Theatro de Brinquedo, a Sra. Alvaro Mo-
reya não surpreendeu ninguém. Todos
os que foram á noite, em casa, de
Musica applaudia sabiam que iam sair
de lá com a alma cheia de rhythmos no-
vos. E saíram remolés.

Os versos de Renald de Carvalho, Gui-
lherme de Almeida, Alvaro Moreya e
de tantos outros, enchem a sala de
música. Alvaro Moreya uma interprete rara.
Rara e perfeita.

Muitos mezes rolaram no abismo do
Tempo, antes que eu tivesse nos meus in-
formes sobre as pesquisas que se estão
fazendo no cerebro humano. A sua
diagnose, depari, num jornal qualquer, uma
noticia que logo me chamou a attenção.

Tinha por titulos: "As maravilhas da
sciencia" e como sub-titulo: "Póde-se
photographar o pensamento?".

Ao ler essas linhas, lembrei-me, subita-
mente, de Hippocrates Pimentel. E palpi-
tei-me que a noticia se prenderia aos es-
tudos que elle andava fazendo havia tan-
tos annos. Com effeito, a nota dizia, tex-
tualmente:

"O grande sabio patricio, Hippocrates
Pimentel, cujo nome já transpaz, ha mu-
ito tempo, as fronteiras da patria, acaba de
fazer uma descoberta que vai, certamente,
revolucionar a sciencia dos nossos dias.
Póde-se dizer que depois da descoberta
da circulação do sangue, por Harvey, e
da existencia das microbios por Leu-
wenhoeck, nenhum facto alcançou, jámais,
seu caracter de sensacionalidade. Se-
gundo o nosso eminente patricio, o pensa-
mento póde ser photographado com a mes-
ma fidelidade e com o que photograph